

**“Esquadrão de Tortura: uma Narrativa Headbanger Sobre a
Ditadura Militar de 1964.”**

**"Torture Squad: a Headbanger Narrative About the Military Dictator
Ship of 1964."**

Alexandre Rossi Carneiro¹

Lívia De Tommasi²

Resumo

A proposta desse artigo é analisar a narrativa construída pela banda paulistana de death/thrash metal Torture Squad acerca do Golpe Militar de 1964, em seu álbum conceitual “Esquadrão da Tortura”. A recepção ao disco através das resenhas em sites especializados como Wiplash ou publicações de vídeos no You Tube, nos permitem ver as tensões políticas que as diferentes narrativas constroem sobre o Golpe de 64.

Palavras – chave: Heavy metal. Thrash metal. Death metal. Cultura. Golpe de 1964.

Abstract

The proposal of this article is to analyze the narrative built by the São Paulo Band of Death/thrash metal torture squad about the military coup of 1964, in its conceptual album "Squadron of Torture". The reception to the disc through the reviews on specialized websites like Wiplash or video posts on You Tube, allow us to see the political tensions that the different narratives build on the Military Coup 1964.

Keywords: Heavy metal. Thrash metal. Death metal. Cultura. Golpe de 1964.

¹ Graduação e pós - graduação em História pela PUC-SP. Mestrando em Ciências Sociais pela UFABC. Atualmente leciona na Prefeitura Municipal de São Paulo, atuando como professor no Ensino Fundamental II e EJA. ORCID: 0000-0001-6513-477X

² Doutora em Sociologia - Université de Paris I (1997); Mestre em “Etudes des Sociétés Latino américaines” – Université de Paris III (1988). Atualmente Professora associada do curso de graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC, e do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da mesma Universidade. ORCID: 0000-0003-1263-8354.

Introdução

As transformações ocorridas na historiografia a partir do movimento dos Annales, no final dos anos 20, ampliou significativamente o campo de trabalho do historiador. Segundo Peter Burke:

“Como dizia Febvre, com o seu característico uso do imperativo: “Historiadores, sejam geógrafos. Sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos” (Febvre, 1953, p.32). Ele estava sempre pronto “para pôr abaixo os compartimentos” e lutar contra a especialização estreita³”

Os combates por uma outra história, muito diferente das lições positivistas de Langlois e Seignobos, onde bastava ao historiador descrever os “fatos” que já estavam dados, o modelo descritivo foi implodido diante de uma virada epistemológica que trazia uma “história problema”, ampliando o campo político da História, rejeitando a narrativa aristocrática, construída por reis e heróis numa linearidade incapaz de ver os rastros, os fragmentos, da dramática encarnação da história humana eclipsada pelo acontecimento histórico.

Os Reis Taumaturgos de Marc Bloch, possibilita a História tratar de outras narrativas, como o toque real, nos mostrando que o poder da monarquia avançava sobre a mentalidade coletiva, indicando um caminho para além do estudo de legislações, decretos, das fontes oficiais, mergulhando num campo ainda marginal, das crenças e mentalidades populares que acreditavam na cura de suas dores pelo toque real.

“O tema pode ainda parecer relativamente marginal, e certamente o foi na década de 20; Bloch faz uma referência irônica a um colega inglês que comentara esse “seu curioso desvio”(Bloch, 1924, p.18). Para Bloch, muito ao contrário, o toque real não era um desvio, mas uma estrada principal, em verdade une voieroyale em todos os sentidos. Era um ensaio profundo que lançava luz sobre importantes problemas. O autor considerava seu livro, com alguma razão, uma contribuição à história política da Europa no sentido mais amplo e verdadeiro do termo “político”, pois nele analisava a idéia de monarquia. “O milagre real foi acima de tudo a expressão de uma concepção particular do poder político supremo.⁴”

O alargamento do campo historiográfico, abriu outros horizontes de pesquisa entrando em cena temas considerados marginais, como a feitiçaria,

³ Burke, Peter. A escola dos Annales. A revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1990.

⁴ Idem.

sexualidade, morte, corpos, odores, entre outros. Foi a partir dessa abertura inaugurada pelos “Annales”, não.

Esquecendo-nos das gerações francesas que dialogaram com “A Nova História”, e contribuições da historiografia inglesa marxista trazendo sujeitos que estavam a margem dos discursos historiográficos, rumo a uma “história vista de baixo”. Esses movimentos operados pela história da História, se fazem necessários para que possamos pensar na elaboração de um artigo de pesquisa que tem como sujeitos uma banda de Thrash /Death Metal da periferia de São Paulo. Existem muitos silêncios quando falamos de Heavy Metal, dentro do mundo acadêmico. São poucas as pesquisas que se realizam nesse universo, sobretudo no campo da História. Recentemente tivemos o brilhante trabalho de William James de Faria Silva, em sua tese de doutorado, “Heavy Metal: Os incômodos perdedores. (Década de 1980)”, que nos traz uma reflexão histórica sobre o desenvolvimento do Heavy Metal no Brasil, apontando as dificuldades em se produzir essa música no país. Em outras áreas como a Sociologia e Antropologia já temos importantes reflexões como a de Leonardo Campoy⁵, fazendo etnografia sobre o metal extremo brasileiro e Lucas Lopes⁶ nos revelando a cena black metal paulistana.

Michel de Certeau nos alerta para a importância de pensarmos na relação do historiador com a História que ele fabrica, com os seus sujeitos de pesquisa, e principalmente o lugar onde seus discursos são produzidos. O lugar que ocupo nesta pesquisa me gera desconfortos, sobretudo por que sou um fã da banda e mais um headbanger. Não posso esquecer esse lugar, já que ele é também um modo de vida, que me acompanha desde 1993, quando comecei a me apaixonar por Heavy Metal, a partir dos discos do Black Sabbath. A narrativa histórica é também uma fabricação, mas diferente da ficção, seu conteúdo é analítico. O debate proposto por Carlo Ginzburg, nos ajuda a pensar em como essas fronteiras são borradas, ainda que pertençam a campos distintos:

“Contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações de ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambos, eu pretendia considerar a relação entre umas e outras como uma contenda pela representação da realidade. Mas ao invés de uma guerra de

⁵Campoy, Leonardo. Trevas sobre a Luz.

⁶Moraes, Lopes Lucas. “Hordas do Metal Negro”. Cena e Aliança no Black Metal Paulista. Tese de Mestrado. Departamento de Antropologia. USP. 2014

trincheira, eu levantava a hipótese de um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos.⁷”

Nesse território percorrido por Ginzburg não podemos abrir mão do recurso analítico que pretendemos realizar ao pensarmos na diferentes narrativas produzidas a partir do disco *Esquadrão da Tortura*. O movimento que realizamos é o de encontrar os rastros, indícios e fragmentos trazidos por uma importante banda do heavy metal brasileiro em torno de um evento político gigantesco como foi o Golpe Militar de 1964. São esses indícios microscópicos, que podem nos ajudar a pensar numa dimensão mais ampla da política nacional.

1 A Banda Torture Squad no Metal Nacional

Fundada em 1992, a banda teve seu nome inspirado na música “DeathSquad” no grupo norte americano de thrash metal Sacred Reich. A banda Torture Squad se articulou em torno do bairro do Ipiranga na Zona Sul de São Paulo. O guitarrista Cristiano Fusco, juntamente com o baterista Amílcar Cristóforo, o baixista Castor e o vocalista Vítor Rodrigues, gravaram no ano de 1993 a demo tape, “A Soul in Hell”.

O Heavy Metal brasileiro, segundo o segundo o sociólogo Idelber Avelar no livro *Figuras da Violência: “Espremido entre a direita moral e esquerda cultural o heavy metal foi sempre interpelado por exigências contraditórias vindos dos dois lados”*(Avelar,p.107,2001).

Como um gênero pós-ditatorial, no Brasil o Heavy Metal sofria críticas dos “guardiões” da música, identificados segundo o autor com a Música Popular Brasileira (MPB) representantes de uma “esquerda cultural”, que viam nessa música apenas “barulho” e por outro a lado, o campo situado a “direita” representaria a “guarda” da “moral”, “bons costumes”, sempre desafiada pelos temas trazidos pelas culturas headbangers, como sexo, violência, satanismo, morte, críticas religiosas. Cito aqui a canção “A Soul in Hell” (Uma alma no inferno), uma das primeiras canções compostas pela banda Torture Squad, de 1993. A música mistura death metal e thrash metal, usando a velocidade da bateria com blast beats (aceleração da batida na caixa), viradas, riffs de guitarra executados velozmente, andamentos de

⁷ Ginzburg, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007,

baixo elétrico complexos, aliados a vocalização gutural, revelando um conhecimento dos músicos acerca dos instrumentos utilizados, muito diferente da simplificação do conceito de “barulho”. A letra de “A Soul in Hell”, faz referência a uma suposta personagem do sexo feminino, que é fanática por religião, e que nos momentos finais de sua vida entra em surto psicótico por conta dos seus valores morais e religiosos⁸

O Heavy Metal brasileiro vinha se desenvolvendo desde o final dos anos 70, o primeiro registro fonográfico, ocorreu somente em 1982, com a banda paraense chamada “Stress”. O gênero heavy metal era underground no país, haviam muitas bandas, no entanto, poucas conseguiram gravar seu disco. As condições precárias dos instrumentos musicais, estúdios, produtores e técnicos de som que desconheciam a música, levaram muitas bandas a desistirem de sobreviver com o Heavy Metal. Longe das grandes gravadoras e da exposição nas mídias de grande audiência como rádios e programas televisivos, o Heavy Metal brasileiro se desenvolveu a partir do lema punk “ faça você mesmo”. Fanzines, revistas, fitas demo, cópias de discos e shows, nos formatos cassete e vhs eram espalhados por todo país, alimentando uma produção cultural , construída por uma parcela da juventude brasileira.

“Por experiência própria os garotos do Stress, perceberam que a precariedade técnica e o desconhecimento em relação a esse estilo musical não era exclusividade de sua Bélem natal, mas um problema de praticamente todo o país, o estilo era novo, praticamente incompreensível aos olhos e ouvidos da grande maioria da população. Mas mesmo assim o Heavy Metal crescia numa parcela da juventude brasileira.⁹”

Em 1985, com o lançamento do discospit¹⁰ Sepultura “Bestial Devastation” e Overdose “Século XX”, pela gravadora de Belo Horizonte chamada Cogumelo Records, algumas importantes questões são colocadas para o Heavy Metal

⁸ Tradução: Uma alma no inferno/Fanática pela religião/Sozinha com imagens santas/Ela consome ávida/Evangelhos e orações/A mente dela deforma o real/Seu fanatismo acerta a sua alma/Gritos invadem a aurora/Insanidade fora de controle/Entrevada em uma cama/Esperando a divina morte/Ela agoniza em pensamentos/Macabros como as sombras/Subconsciente alterado/Para um estado catatônico/Um quarto escuro será/A sua sepultura/Uma alma no inferno/É tão deliciosa a sua agonia/Abraçando a morte/Últimos pensamentos de vida/O silêncio é o seu grito/Fanatismo tem sua última consequência/Criando dor e distúrbio/A mente submersa/Pela religião em decadência

⁹ Silva, Faria James William. Heavy Metal no Brasil. Os incômodos perdedores (década de 1980). Tese de Doutorado. USP. São Paulo. 2014.

¹⁰ O Split era um recurso usado pelas gravadoras para lançarem diferentes bandas num mesmo disco. Nesse caso o Overdose ocupava o lado A e o Sepultura o lado B.

brasileiro. Uma divisão sonora se fazia clara entre os praticantes do som mais clássico do Heavy Metal, influenciado por bandas como Iron Maiden, Judas Priest, Accept, Halloween, a banda Overdose optava por um som mais melódico, enquanto o Sepultura, lançava seu primeiro registro em inglês, dialogando com gêneros em desenvolvimento na época como o death metal, black metal e thrash metal. Esse metal mais “extremo” teria grande longevidade no Brasil, onde podemos destacar as bandas Vulcano, Sarcófago, Krisiun e mais tarde a própria Torture Squad.

Ao longo dos seus 25 anos de existência a banda Torture Squad, para sobreviver de música extrema no Brasil precisou dispor de operar diferentes “táticas”, “golpes” nas estruturas sociais e culturais. Não havia dinheiro para os jovens trabalhadores, que precisavam trabalhar de diversas maneiras para adquirir seus instrumentos musicais. Office-boy, empacotador do supermercado Carrefour, vendedores nas lojas da Galeria do Rock, tudo para manter viva a esperança de viver com a música extrema. Nessa trajetória até mesmo a gravação de músicas extras para um cd era realizada, já que no lançamento do primeiro disco “Shivering” (Tremendo) de 1998, feito de forma independente, com os recursos da banda, o caminhão que carregava os cds da banda foram roubados, isso gerou uma espécie de “trauma” na banda que sempre deixa algumas músicas prontas para um novo álbum¹¹.

As mudanças na formação da banda foram constantes, o guitarrista fundador Cristiano Fusco, foi o primeiro, depois vieram os guitarristas Maurício Nogueira, Augusto Lopes e em 2015 o guitarrista/vocalista André Evaristo saiu, sendo substituído por Rene Simionato (guitarras) e Mayara Puerta (vocalista). O próprio Vitor Rodrigues já havia saído da banda algumas vezes. As razões destas saídas, vão desde problemas financeiros, dificuldades em se manter em turnês, trabalhos paralelos (além da banda), dedicação a família ou mesmo direcionamento musical.

No entanto, mesmo com todas as limitações discutidas anteriormente, a banda mantém em pé o sonho de viver a partir do Heavy Metal, entendido não apenas como um mais um gênero musical, mas um estilo de vida. Com a participação em 2007, em um dos maiores festivais de Heavy Metal do mundo, o Wacken Open Air, realizado anualmente na Alemanha, o grupo conquistou o direito

¹¹ Entrevista concedida no ano de 2011, na presença de Amílcar, Vítor, Castor e Evaristo.

de participar no evento após uma seletiva nacional, com a presença de muitas bandas, inclusive ganhando a batalha das bandas internacionais, garantindo a banda vencedora um contrato com a gravadora alemã “Armageddon Music”. A existência da banda já é uma resistência, já que dada as condições econômicas, políticas, sociais e culturais do país, sobreviver com Heavy Metal no Brasil é uma tarefa das mais difíceis.

2 Mais Uma Vez Perto do Fim

O ano de 2012, foi marcado por profundas tensões políticas no território brasileiro. O mandato da então presidente Dilma Roussef sofreria com os escândalos e julgamento do mensalão, que tivera início ainda no governo do ex-presidente Luis Inácio “Lula” da Silva. Por todo país diferentes categorias se mobilizaram em greves, de policiais militares aos servidores públicos, todos por lutando por diferentes pautas, tendo em comum o descontentamento com a corrupção do governo. Em 13 de abril de 2012, se o cenário político e econômico do Brasil já eram conturbados, a situação da banda Torture Squad sofreria um abalo profundo:

“Após muito tempo de reflexão tomei a difícil decisão de deixar o Torture Squad. Foram 19 anos, de experiências fantásticas ao lado de pessoas muito talentosas, mas às vezes é preciso tomar certas atitudes, e não ter medo de enfrentar novos desafios. Obviamente não deixarei a música e espero em breve estar nos palcos com outra banda. Aos meus ex-companheiros desejo toda a sorte do mundo.¹²”

Não se tratava apenas da saída do vocalista da banda, mas de um amigo que acompanhava há mais de 19 anos, o baterista Amílcar, e o baixista Castor. Vitor, conhecido no underground como Vitinho, é considerado por muitos como o maior vocalista de death metal do Brasil. Sua saída gerou profundas cicatrizes na banda, ainda que todos permaneçam amigos, diz Amílcar em entrevista¹³:

“Depois da saída do Vitor, pensei em mudar o nome para Tortura. No nordeste só chamam a gente de Tortura. Gosto do nome, é fácil de assimilar”. Aí vem o lance se mudar o nome...parece que ...Aqui é o Torture Squad mesmo!

¹²https://whiplash.net/materias/news_840/152263-torturesquad.html. O Título da matéria é Vitor Rodrigues deixa o Torture Squad.

¹³ Entrevista realizada pelo autor na casa do Amílcar no dia 18/10/2018.

A mudança do nome marcaria na trajetória da banda uma “derrota”, uma “entrega”, o que logo foi descartado: “*Aqui é Torture Squad!*”. Em algumas apresentações ao vivo, Amílcar usou de algumas táticas para responder a situação enfrentada pela banda, agora como trio. Tomando aqui o conceito empregado por Certeau (p94):

“A tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha¹⁴.”

Os shows da banda se transformaram num lugar de execução dessas táticas. Amílcar em algumas apresentações tocou de costas para o público, segundo o próprio baterista:

“Toquei em algumas apresentações de costas pra dizer ao público que todos na banda eram importantes. Uma banda não se faz com um só personagem.”

3 Construindo Um Álbum Conceitual

A banda começou a trabalhar com a possibilidade de um álbum conceitual sobre a ditadura militar no ano de 2011, ainda contando com Vítor Rodrigues, Amílcar, Castor e André Evaristo. Naquela oportunidade fui convidado para ajudar nas pesquisas sobre o golpe de 64, juntamente com o jornalista Roniwalter Jatobá. Minha participação se resumiu na indicação de textos, livros, documentários e construção cronológica dos eventos que marcaram a ditadura militar. Como um fã da banda “das antigas”, os integrantes confiaram essa tarefa. Um trabalho de “headbanger para headbanger”, dificilmente um “outsider”, “poser¹⁵” ou “falso” poderia realizar esse trabalho:

“À medida que a década avançava, desenvolviam-se conflitos internos ao próprio heavy metal, que se subdividia em diversos gêneros, cada um com seus próprios adeptos, que se autoproclamavam os portadores de uma voz autêntica, enquanto os outros eram vagamente considerados “falsos”. Black metal, power

¹⁴Certeau, Michel de. A invenção do Cotidiano. 1.Artes do fazer.Vozes.2014

¹⁵ A palavra Poser pode ter muitos significados na cultura headbanger, mas geralmente se associa aqueles que figuram no mainstream do rock, bandas que fizeram sucesso como o Glan Rock da Califórnia, passando por pessoas que usam camisetas de bandas sem conhecê-las. O poser poderia representar a subversão da cultura headbanger.

metal, thrash metal, white metal, speed metal e uma infinidade de outros rótulos passaram a figurar nas publicações especializadas. As variedades mais comerciais, em geral caracterizadas apenas como “farofa”, eram execradas, e o fã surpreendido com material de um artista denegrado seria imediatamente taxado de “farofeiro”, “poser” ou “falso”, tornando-se alvo da zombaria dos amigos ou, em casos mais extremos, efetivamente sofrendo retaliações do grupo¹⁶.” (p57-58).

O pertencimento a cultura headbanger passa pelo conhecimento profundo da banda, de suas canções e biografias, passando pelos gêneros que são considerados “verdadeiros” e os “falsos”. Geralmente os “falsos”, são aqueles que se utilizam da estética heavy ou procuram comercializar seu som. Lá pela metade da década de 90, cheguei a presenciar na Galeria do Rock, localizada no centro da cidade de São Paulo um “interrogatório”, onde alguns fãs da banda de death metal¹⁷ Cannibal Corpse, faziam uma série de perguntas relativas a banda diante de um garoto que vestia a camiseta deste grupo, o resultado foi a tomada da camiseta pelos fãs diante da dificuldade em responder as questões.

O trabalho de pesquisa da banda Torture Squad acerca da ditadura militar se deu com as leituras, documentários e depoimentos do jornalista Jatobá, no entanto foi um mergulho dos integrantes nessa temática, que permitiu seu aprofundamento, diz Amílcar:

“Eu já tinha ouvido falar sobre a ditadura, mas a medida que a gente foi estudando, lendo, vendo os filmes fui ficando com ódio dos Estado Unidos e mídia. Precisei me segurar um pouco pra narrar essa história¹⁸”

A banda passou quase 2 anos estudando, preparando as canções e letras. A divulgação oficial aconteceu em 16 de janeiro de 2013, segue abaixo a nota de divulgação da banda através do site Wiplash , compartilhada pelo colaborador Samuel Coutinho:¹⁹

¹⁶ Monteiro, Guilherme Lentz. O pecado é não sonhar: reconstruções da rebeldia jovem através do heavy metal brasileiro da década de 1980. Tese de doutorado. UFMG.2015.

¹⁷ Gênero musical criado no final da década de 80, que tem como características a temática da violência, do horror, satanismo, se contrapondo ao heavy mais comercial. Os vocais distorcidos, chamados de gutural vocals (vocais guturais), blast beats (metranca na bateria, acelerando as notas musicais) e afinações mais baixas na guitarra ajudam a identificar o death metal.

¹⁸ Entrevista concedida ao autor em outubro de 2018, na casa do Amílcar, conhecida como “Quartel General” do Torture Squad.

¹⁹ O site Wiplash é um site dedicado ao Heavy Metal. Possui vários colaboradores e utiliza o financiamento coletivo para se manter. A divulgação em questão se encontra nessa página: https://whiplash.net/materias/news_831/171464-torturesquad.html

“O TORTURE SQUAD anunciou que seu próximo lançamento será um álbum conceitual sobre o período em que o Brasil esteve sob uma ditadura militar, que durou mais de 21 anos, de 1964 a 1985.

O baterista do Torture Squad, AmilcarChristófaru comentou: "Algo me dizia que nosso próximo álbum deveria falar sobre um assunto forte, portanto em seguida começamos a pensar, logo veio em minha mente a ditadura militar brasileira.

Eu tinha apenas um conhecimento superficial sobre toda a dimensão do assunto, e acreditamos que a maioria dos brasileiros também tenham. Foi uma época em que o Brasil foi governado pelos militares após um golpe em 1964, o regime impôs uma censura rígida e limitada contra a liberdade, enquanto a oposição enfrentava tortura e exílio. Eu, pessoalmente, comecei a perceber que o assunto ainda é muito presente. Nossa atual presidente Dilma Rousseff, é uma testemunha viva daquele tempo, ela esteve entre aqueles que suportaram a tortura e humilhação. Ironicamente, quem está por baixo se levanta, e hoje em dia ela é a chefe de estado do nosso país e sobre aqueles que, um dia, a torturam.

Claro, não vamos ser capazes de contar a história de 21 anos em apenas um álbum, mas a idéia é tentar fazer com que aqueles que tem interesse em ler as letras para compreender um pouco sobre o que aconteceu durante esse período. Nós estamos falando sobre a influência americana sobre o golpe de estado em 1964, os atos institucionais, a formação dos guerrilheiros armados, métodos de tortura, pessoas desaparecidas, citando nomes como o de Mariguella, a guerrilha do Araguaia e muito mais.

Na banda, André Evaristo (guitarra/vocais) era o único que sabia mais sobre o assunto, assim quando todos nós começamos a estudar e falar sobre isso, também pesquisando na internet, lendo livros e conversando pessoalmente com o historiador Alexandre Rossi Carneiro e Roniwalter Jatobá, jornalista e escritor brasileiro que escreveu vários livros sobre o assunto e viveu na época da ditadura militar.

Nós nunca fizemos um trabalho conceitual sobre um assunto, este será o primeiro e eu acredito que ele vai ser um trabalho honesto e grande. Espero que todos os headbangers apreciem".

4 Usos nas Redes Sociais

Antes mesmo do lançamento do álbum apenas com a divulgação da temática nos sites especializados e redes sociais digitais, houveram resistências a proposta da banda como nos afirma em entrevista o baixista da banda Castor:

“Meu a gente só divulgou que ia falar sobre a ditadura militar e já tinha neguinho chamando a gente de esquerdista, comunista...Teve até um vídeo que um cara fez no you tube, que não lembro direito, criticando a banda. O cara nem ouviu o som e as idéias.”

A temática apresentada pela banda havia sido pensada em 2011, no entanto os acontecimentos políticos que se desdobraram no país traziam a pauta do golpe de 64 a mesa dos debates dos diferentes campos políticos. No dia 19 de janeiro, o canal Ruanacxa do You Tube, trouxe um vídeo intitulado :”*Torture Squad lança álbum sobre a ditadura militar (sob a ótica esquerdista, pra variar)*. Nesse vídeo o autor, que não se identifica e ainda usa uma distorção na voz, resolve responder ao anúncio do site Wiplash. Sua narrativa desenvolve-se a partir das imagens sobre a ditadura e o trecho da “resposta” a banda vem abaixo:

“Você vê um monte de roqueiro venerando a esquerda, falando mal do capitalismo... Isso é um bando de vagabundo porra...Um bando de hipócrita e analfabeto que não merece ser levado a sério...Pelo depoimento que se lê no Wiplash você vai ver que é mais uma merda esquerdista.. O cara falar da Dilma...Ela foi presa por que matava pessoas , assaltava bancos..A tal da tortura dela não tem um exame de corpo de delito.. Que merda de tortura é essa? Você me dizer que foi torturada , por que lutava pela democracia? O que a Dilma queria era comunismo cubano. A Dilma puxando o saco, venerando a Revolução Cubana, que foi um marco histórico...Como você vai dizer que ela lutou pela democracia hein, Torture Squad? Ah...vai pra casa do caralho Torture Squad..Eu curto o som da banda , acho maneiro , mas porra, ideologicamente os caras são analfabetos. Eles ainda falam que teve influência dos EUA, que mentira...Isso é uma mentira já desmacarada. Os milicos se preocuparam em combater guerrilheiros e os esquerdistas tomaram a área cultural.. Eles controlam toda mídia.

No discurso proferido pelo canal Ruanacxa, temos algumas importantes informações que nos ajudam a pensar nessa disputa pela “verdade histórica” diante da ditadura e dos personagens que participaram desse acontecimento. Retomar a problematização sugerida por Michel de Certeau no livro *a Escrita da História*, articulando lugar, prática e escrita²⁰ no trabalho historiográfico nos ajuda a escapar das relativizações que procuram silenciar os derrotados da História.

“De parte a parte, a história permanece configurada pelo sistema no qual se elabora. Hoje como ontem, é determinada por uma fabricação localizada em tal ou qual ponto desse sistema. Também a consideração desse lugar, no qual se produz, é a única que permite ao saber historiográfico escapar da inconsciência de uma classe que se desconheceria a si própria, como classe, nas relações de produção, e que, por isso, desconheceria a sociedade onde está inserida. A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade (p.64)”

²⁰ Ver artigo de João Rodolfo Munhoz Ohara:” Passado histórico, presente historiográfico: considerações sobre “História e Estrutura” de Michel de Certeau”.Agosto.2003.Revista História da Historiografia.UFOP.

O lugar que se produz a história é de fundamental importância para entendermos os discursos, não para buscar o sentido oculto de suas produções, mas sua localização social, naquilo que é validado, legitimado, obscurecido, silenciado. Nesse sentido as redes sociais digitais colocam inúmeras interrogações na pesquisa. O anonimato do sujeito produtor do canal Ruanacxa, nos leva a ir além da busca do sujeito que fala, mas para quem são pronunciados os enunciados, onde nesse tecido se encontram outros discursos que validam ou desqualificam sua fala. O posicionamento do canal critica, a idéia de “comunismo”, “esquerdismo”, sendo expressões associadas a ex-presidente Dilma Roussef. Ainda que a banda, não houvesse lançado o disco, o discurso do vídeo já marca uma posição a priori, não sendo relevante uma observação detalhada do material produzido. A marca de um posicionamento político nesse sentido é mais significativo do que o conteúdo criticado. Articulando as Fake News e notícias vinculadas nas redes sociais digitais, para pensar na cybercultura da intolerância desenvolvida no Brasil desde 2013, a tese de Elvis DieneBardini²¹ é bastante significativa e esclarecedora, citando o autor Carlos Afonso Souza :

“Aquilo em que as pessoas escolhem acreditar importa mais do que a verdade dos fatos. Dessa forma, ao encontrar uma notícia que se adequa às suas convicções pessoais, as pessoas não hesitam em compartilhá-la sem ao menos verificar a procedência dos fatos”. (SOUZA, p.139)

As agressões a banda, (ainda que o locutor do canal se reconhecesse como um “fã”), tais como “vagabundos” “vai pra casa do caralho”, “analfabetos ideológicos”, simplesmente pelo reconhecimento da banda as torturas sofridas por Dilma Roussef, e a influência dos Estados Unidos no golpe de 64. O cyberativismo do ódio, nos parece ser uma importante questão a ser enfrentada pela sociedade brasileira. O professor Sérgio Amadeu da UFABC define cyberativismo como:

Um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet²².

Essas práticas políticas atravessam campos identificados com a esquerda ou direita, não sendo exclusividade de nenhum espectro ideológico. O que nos parece pertinente é a identificação de um campo da intolerância do cyberativismo conforme

²¹Bardini,Elvis. A Cybercultura da intolerância política, ou como a linguagem do ódio desconstrói a cidadania. Tese de doutorado. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2017

²² Amadeu, Sérgio. Artigo: Cyberativismo, Cultura Hacker e Individualismo Colaborativo.

explicitado no canal Ruanacxa em relação a produção cultural da banda Torture Squad. .

Por outro lado, para observarmos a recepção ao disco, optamos por refletirmos a partir do site Wiplash, um site colaborativo, onde muitos fãs produzem seus textos e publicam nesse espaço. Muitos destes fãs não são músicos ou críticos da área, o que nos ajuda a pensar nestas diferentes narrativas produzidas no interior da cultura headbanger.

Arysson Lima em sua resenha: “ *Torture Squad: Entrando de cabeça numa nova fase*”, publicada em 28/11/2013, procura destacar as transformações musicais operadas no som da banda. A formação do trio, e opção por voltar ao som mais thrash metal, foram as principais preocupações do autor:

“Se você é um fã mais tradicionalista da banda, esqueça a sonoridade que a banda fazia anteriormente. O que temos aqui é totalmente diferente dos álbuns anteriores. Agora, a banda aposta numa sonoridade mais calcada no Thrash Metal, ainda mais técnica e uma produção seca (o que não significa que é ruim.), ao contrário do Death Metal vigoroso de outrora. Antes de iniciar a resenha faixa por faixa, é interessante apontar a temática do álbum - fala dos tempos de ditadura militar em terras tupiniquins. A banda conseguiu fazer excelentes letras a partir dessa base, o que torna a audição do álbum ainda mais interessante. A arte da capa também é impactante e muito bem feita, um capricho a parte²³.”

A questão instrumental aparece como um dado fundamental, nas mudanças ocorridas na banda. Ainda que todas as resenhas colocassem com um dado relevante a abordagem ao Golpe de 64, a musicalidade da banda é que mobiliza as reflexões, como na resenha do autor Vicente Reckziegel :“*O Renascimento de uma das maiores bandas do metal nacional*”, publicada em 07/05/2015:

“Ao ouvir o álbum, fica a sensação que a banda resolveu investir ainda mais no instrumental, após a perda de sua voz principal. O resultado é um dos melhores discos de Thrash Metal dos últimos tempos, pois, juntamente com o peso característico do agora trio, surgem belas melodias, variações no andamento, muito além do normal no estilo. As 11 faixas são completamente diferentes uma das outras, fazendo com que a audição de “Esquadrão de Tortura” seja ainda mais prazerosa. E, não bastasse a qualidade sonora, o disco é uma verdadeira aula de história, versando cada música sobre a época da ditadura militar, um álbum conceitual genuinamente nacional. E a preocupação da banda em colocar no encarte não

²³<https://whiplash.net/materias/cds/193092-torturesquad.html>

somente as letras, mas sim a história por trás de cada letra e música, é algo digno de nota.²⁴”

A identificação do disco como um dos maiores do gênero thrash metal, vem a frente da temática escolhida. O autor destaca o trabalho da banda ao realizar uma verdadeira “aula de história”, se preocupando inclusive em contar a “história” por trás das letras.

Os elogios a banda mostram uma preocupação dos fãs com as mudanças ocorridas na formação, com a saída de Vítor Rodrigues e entrada de André Evaristo, que alterou as linhas vocais da banda, saindo das referências death metal, para elaboração de uma música mais melódica e variada. O tema da Ditadura Militar, é destacado nas resenhas do disco, no entanto, na cultura heavy metal, a questão sonora é de fundamental importância.. Para uma banda de heavy metal, sua integridade musical é vital para sua existência e credibilidade na cena underground. De nada adiantaria ao Torture Squad promover uma extensa reflexão acerca dos acontecimentos de 1964 se o instrumental da banda não convencesse seus fãs. Em outros gêneros as questões literárias podem assumir o protagonismo de suas produções, como por exemplo, no punk rock ou rap, no entanto no heavy metal, ainda que parte lírica seja relevante, a resistência e identidade de uma banda está na música que ela realiza.

Quando fui entrevistar a banda sobre o disco “Esquadrão da Tortura” na tarde de uma sexta-feira do dia 17 de outubro de 2018, uma questão inicial me incomodava profundamente. Como fã e pesquisador da banda, imaginava que o álbum conceitual sobre a ditadura militar não tivesse tido uma “recepção calorosa” por parte dos fãs. Sempre desconfiei das visões naturalizadas sobre qualquer coisa, inclusive daquela que afirma apaixonadamente, que naturalmente o rock`n`roll ou heavy metal fossem “subversivos” ou “contracultura” na sua totalidade. Sabemos que a cultura é uma construção revisitada, disputada, tensionada o tempo todo por seus participantes. No seu livro “Cultura no Plural”, Michel de Certeau , nos dá uma abertura criativa para os usos culturais:

“É uma prática significativa. Ela consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão pra viver em pensar.”.(p.143)

²⁴<https://whiplash.net/materias/cds/222963-torturesquad.html>

Nessa compreensão da cultura como um campo aberto de interpretações, práticas, jogos de poder, onde os fracos se insinuem, golpeiam a ordem, fabricam resistências, há por outro lado um campo de incompreensões, intolerância e mesmo ódio nas narrativas headbangers. Por isso não podemos imaginar este fazer cultural de forma homogênea, simplificando a complexidade e pluralidade das culturas headbangers.

Na conversa com o baixista Castor, sobre como surgiu o disco, não havia uma cronologia a ser narrada, as visões foram sendo colocadas a partir das experiências de vida de nosso entrevistado:

Castor: “Para nós foi abuso de poder (ditadura militar)... O cara entrava na sua casa... O militar chamava de vagabundo, verme...”

Na sequência vem a marca da memória que nosso narrador tinha da ditadura:

Castor: Meu tio era gago mano... Ele tava no bar e foi espancado pela Rota, ele tava sem documento. Imagina ele ficava nervoso e gaguejava mais..A mãe dele tirou ele de lá.. Eu já tinha essa memória, meu tio não devia nada pra ninguém. Havia exagero dos dois lados, mas o lado militar abusou do poder.”

Uma fala presente nos depoimentos do Castor, quanto do Amílcar sempre procuram denunciar a violência da ditadura, mas sem se identificar com o campo da esquerda ou direita brasileira:

Castor: Não tenho uma decisão... Mas o PT era nosso, partido do trabalhador. Agora tem muita coisa que não souberam explicar.

Não há uma militância organizada por parte dos nossos entrevistados, no entanto não se furtam a pensar e refletir acerca das complexidades dos processos políticos. A identificação da banda com os campos “esquerda” ou “direita” é prontamente rechaçada pelo baterista Amílcar Christófar:

“Eu já sou tatuado, cabeludo... É tipo..um ..Sociedade tô aqui , tá..Eu só quero contar a história da ditadura²⁵...”

O corpo de Amílcar, suas tatuagens, seu cabelo, parecem dizer mais, sobre aquilo que ele pensa do que possíveis discursos, ou posicionamentos cobrados por participantes das culturas headbangers ou outsiders. Em outra entrevista, desta vez, para o site Heavy and Roll²⁶, no ano de lançamento do disco “Esquadrão da Tortura”, ou seja em 2013, diante das críticas do canal do you tube Ruanacxa , e afirmações

²⁵ Entrevista para o autor no dia 17/10.

²⁶<https://www.heavynroll.com.br/2014/11/torture-squad-amilcar-christofaro-para.html>

de que a banda seria “comunista”, “esquerdista”, o baterista rejeita esse rótulo, não se identificando com os posicionamentos a que foram rotulados:

“HEAVYNROLL - Digamos que esse álbum também é o mais polêmico da banda, Devido à temática? Já li comentários de que vocês são metal esquerdista, pró-comunismo. O que você acha dessas “coisas” que comentam na internet?

AMILCAR - Eu não vou dizer que não ligo porque se não estarei sendo hipócrita, até porque tem coisa que se torna um combustível muito grande para tocar, para fazer letras, mas nada do que leio muda meu estado de espírito em relação ao nosso trabalho. Sei separar quando o comentário é negativo, mas construtivo, ou se é um babaca que nem sabe o que está falando. Geralmente fico feliz quando falam coisas legais sobre a banda, mas isso também não me influencia em nada. O ego gosta, mas não me influencia em nada. Quem acha que a gente é metal esquerdista pra mim está claro que a pessoa nem pegou o álbum e leu as letras para entender que a nossa ideia foi de simplesmente narrar a história, e se narrando a história à coisa fica feia para os militares, a culpa não é nossa e o problema é deles, foram eles que não souberam reger o país respeitando as pessoas e instalando uma repressão. Sou contra qualquer tipo de repressão seja ela por quem for. Tem que haver respeito”.

O rótulo de “metal esquerdista”, no ideário da banda, parece identificado com o petismo, alvo de críticas e escândalos envolvendo os presidentes Lula e Dilma. Na fala de Castor, há um “desencantamento” com o Partido dos Trabalhadores, havia uma esperança, era “*nosso partido*”, mas agora “*existem muitas coisas que eles precisam explicar*”. A crítica incomodou a banda num primeiro momento, já que a banda não se identifica nem no petismo, nem na direita “moralista” “repressora”, que não respeita “cabeludos”, “tatuados”.

5 Esquadrão da Tortura : Narrativas Sobre o Golpe de 1964

A banda teve que enfrentar a experiência de tocar como trio, tendo Amílcar na bateria, André Evaristo nas guitarras /vocais e Castor no baixo. Sabendo das dificuldades que a banda enfrentava, o produtor americano Brendan Duffey, se torna um personagem importante na reorganização da banda, segundo Amílcar:

“Fomos procurar o estúdio para gravar..O primeiro a falar foi o Brendon. Ele disse: “Eu quero gravar o disco de vocês!Eu sei da importância desse disco pra vocês!”Isso deu um gás pra gente!

Brendan é um produtor, engenheiro de som da Califórnia, nos Estados Unidos, mas bastante conhecido no Brasil por seus trabalhos com Angra, André

Matos, Almah , Biquini Cavadão, RPM, Wanessa Camargo, entre outros. A experiência do produtor, amizade e conhecimento do som da banda ajudaram a chegar numa sonoridade que segundo Castor e Amílcar “Se trata de um dos discos com a melhor gravação já obtida pela banda²⁷”

Ainda que se trate de um produto, é interessante observar, que nem sempre os interesses comerciais se colocam a frente das relações humanas de solidariedade, amizade e empatia na concepção desse disco. A idéia de um trabalho coletivo, realizada por diferentes mãos, que se juntam em nome de um projeto, articulados pelo respeito e proposta sonora desta banda underground paulistana podem ser também reconhecidos na participação do músico João Gordo no disco. Ao serem questionados sobre o possível cachê que João teria recebido para participar, Amílcar e Castor são rápidos na resposta “Nem o dinheiro da gasolina do carro ele quis!²⁸”. João Gordo, vocalista do Ratos de Porão, apresentador de televisão, possui também o canal no you tube chamado “Panelaço”, onde faz entrevistas e cozinha comida vegana, participou da canção Pátria Livre , assim como do vídeo clip feita para essa música.

O disco foi produzido pelo Torture Squad, BrendonDuffey e Adriano Daga, entre Abril e Agosto de 2013 no Norcal Estúdios localizado em São Paulo, no bairro de Pinheiros. São 11 músicas distribuídas ao longo de 1 hora e 4 minutos , articuladas em torno de um projeto conceitual. Ao longo da história do Rock e Heavy Metal, são muitos os exemplos de discos conceituais, destacaria alguns que foram importantes na trajetória do Torture Squad .Em 1988 a banda Queensriche, lançou o disco Opearation :Mindcrime, contando a história de um sujeito dependente químico que se envolve num grupo revolucionário no combate a líderes corruptos. Outro disco relevante, foi Abigail do dinamarquês King Diamond, lançado em 1987, narrando a história de Abigail, um bebê natimorto que volta para assombrar a família Leffey. Uma história de terror, envolvida por um instrumental complexo e técnico, onde seu vocalista King Diamond interpreta várias vozes. Por fim, um terceiro álbum significativo, SeventhSonofSeventh da banda inglesa Iron Maiden. Lançado em 1988, o Iron Maiden , narra a lenda sobrenatural do Sétimo Filho do Sétimo Filho, que poderia nascer com poderes paranormais. Cito esses álbuns, pois são

²⁷ Entrevista para o autor no dia 17/10/2018.

²⁸ Idem.

referências para a banda e trazem apesar das diferenças temáticas e sonoras a aproximação do heavy metal com o rock progressivo, possibilitando as bandas outras experiências sonoras, como utilização de teclados, sintetizadores, entre outros. No disco Esquadrão da Tortura, encontramos essa experimentação com a utilização de instrumentos não convencionais no gênero do metal extremo, tais como quarteto de cordas, prato orquestral, violoncelo, queixada, surdo e violino.

Segundo o baterista Amílcar, a idéia de se trabalhar um álbum conceitual, valorizando não apenas as letras, mas a parte instrumental para sustentar a narrativa vem do cinema:

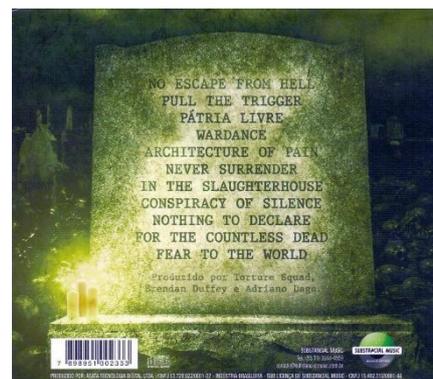
“Os filmes do Conan, me influenciaram muito..As músicas só clássicas. A trilha sonora é do BasilPoledouris. É demais. Nós temos uma música composta pro disco Hellbound, a intro que é erudita²⁹”.

Ao longo da trajetória da banda, criou algumas peças instrumentais como “Come to the Torture” do álbum *Asylum of Shadows* de 1999, “Requiem for the Readless Ride” do disco *Pandemonium* de 2003, “MMXII”, introdução do disco *Hellbound* de 2008 e “Last Tune Blues” do disco *A equilibrium* de 2010.

A escolha pelo nome: Esquadrão de Tortura, primeiro álbum com o título em português, assim como a primeira música cantada em português chamada: “Pátria Livre”, revelam um pouco do momento da banda. No depoimento tratado anteriormente, Amílcar nos revela as dificuldades na reorganização da banda após a saída do antigo vocalista Vitor Rodrigues. O trio chegou a pensar a mudar o nome para Tortura, no entanto resolveram manter o nome original. Esquadrão de Tortura seria a tradução para o português de Torture Squad, a um só tempo seria um recado para os fãs que a banda estava de pé assim como o conteúdo do disco conceitual.

A capa e arte desenhada por João Duarte, faz referências aos conteúdos tratados no disco. Um cruz quebrada, em um “mar de crânios”, com uma imagem do Cristo Redentor simbolizando o Rio de Janeiro, e um jornal no canto inferior a direita com o título em francês “1964: `Brazilian Coup D`etat (Golpe de Estado brasileiro), ao fundo podemos observar a águia símbolo dos Estados Unidos a observar o cenário sombrio. Na contra capa há uma velha lápide com os nomes das músicas e algumas velas iluminando a escuridão.

²⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 17/10/2018.



Segundo o baterista Amílcar:

“A idéia do mar de crânios , veio do filme Superman...Mas tava faltando alguma coisa...Eu tava inconformado quando tava escrevendo as letras e vendo a influência americana. Tinha que me segurar, por que queria narrar a história. O incorformismo vem por que a história é brutal...Mas faltava a cruz quebrada pra mostrar a destruição de tudo”.

Concordamos com Certeau , que a cultura é “tudo aquilo que fazemos”, com o que “recebemos”. Esses usos que são realizados a partir de um filme que assistimos, de uma música que ouvimos, de um livro que lemos nos ajudam a pensar nas produções culturais que realizamos. O lugar dessa produção, e desse fazer da banda é mediado pelos meios de comunicação de massa, é triturado, e ressignificado por nossos sujeitos , a partir da ação criativa, permitindo dessa forma, a produção de outros conteúdos..

O diálogo que a banda procura realizar é com o universo headbanger do metal extremo. Esquadrão da Tortura está no campo desta cultura underground, subterrânea que existe no Brasil desde a década de 80. A estética da violência, do horror, da crítica religiosa aparecem nesta produção, desde a capa às letras. Podemos observar nas capas abaixo a estética do metal extremo representada nas artes ao logotipo das bandas: Sepultura, CannibalCorpse, e Krisiun(nome em latim que faz referência a uma cratera obscura localizada na Lua).



O disco Esquadrão da Tortura tem 11 músicas: 1.“No Escape fromHell”, 2.“Pull the Trigue”,3.“Pátria Livre”,4.“Wardance”, 5.“Architetur of Pain”,6.“Never Surrender”,7.“In theSlaughterhouse”, 8.“Conspiracy ofSilence”, 9.“Nothing to Declare”, 10.“For theCountlessDead” , 11.“Fear ofthe World”.

Como dissemos anteriormente, apenas o título e a canção Pátria Livre são escritas em português, as demais letras aparecem em inglês. No entanto, existem dois encartes no cd. Um encarte conta a história de cada canção, enquanto no outro, existe as letras e fotos dos membros da banda em diferentes locais que fazem parte da memória da ditadura militar no Brasil. Castor aparece no Presídio Tiradentes, Evaristo no Cemitério Dom Bosco e Amílcar no Museu da Resistência, todos estes espaços estão localizados na cidade de São Paulo.

O Presídio Tiradentes, foi inaugurado em 1852, no bairro da Luz no centro de São Paulo:

“Sua estrutura foi pensada para atender duas demandas específicas: como depósito de escravos, os quais eram postos no calabouço, e a casa de correção, para onde iam todos aqueles que, em certa medida, não se adequavam às regras da sociedade, seja pela prática de delitos ou por sua condição social. Ali, as penas eram cumpridas através do trabalho³⁰. “

Mudando suas feições ao longo da história, o presídio durante a “Era Vargas”, era um lugar de presos políticos para aqueles que lutavam contra o regime ditatorial. Com a chegada do o golpe militar de 1964, os personagens que se insurgiam contra o sistema eram perseguidos e encarcerados pela Lei de Segurança Nacional.

“O inimigo a ser combatido encontrava-se no meio do povo: estudantes, intelectuais, artistas e militantes políticos e, para conter o avanço de suas ideias e do comunismo, foi implantado em escala nacional o Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), que visou não só a perseguição, mas o aprisionamento e a eliminação de todos os opositores do regime³¹.”

Os personagens reconhecidos por inimigos pelo regime ditatorial , sejam eles estudantes, intelectuais, artistas, todos que se levantassem contra a ordem eram eliminados fisicamente através das torturas e assassinatos a mando do Estado Nacional. O presídio Tiradentes apesar de monumento da repressão, era visto

³⁰http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/upload/memorial/bancodedados/131456493088956000_FICHA_REVISADA_PRESIDIO_TIRADENTES.pdf

³¹idem

muitas vezes pelos presos políticos da época , como um “purgatório”, já que nesse espaço, localizado nem no “inferno” das torturas, desaparecimentos e mortes, tão pouco o espaço do “céu” , visto na liberdade e fim da ditadura. No presídio muitos se sentiam “aliviados”, por saberem que ao menos nesse espaço, não seriam exterminados³². Isso não significa afirmar que qualquer direito humano foi preservado nesse espaço:

“De um modo geral, o Presídio Tiradentes não foi palco de seções de torturas físicas para presos políticos e isso porque a maior parte dos que lá chegavam já haviam sido “interrogados” com todas as “metodologias” possíveis. No entanto, o Tiradentes se configura como um espaço de violações por negar qualquer tipo de assistência médica aos presos políticos, que lá se encontravam, muitas vezes, com sérios problemas de saúde devido às torturas sofridas nos órgãos de repressão. Além disso, não podemos nos esquecer de que estamos falando de uma unidade prisional com todas as restrições e deficiências que atingem os presídios no Brasil”³³ (p.6)

Na década de 90, foi encontrada a chamada “Vala de Perus”, no Cemitério Dom Bosco localizado na zona norte de São Paulo. O espaço foi amplamente utilizado pela ditadura militar para esconder os cadáveres de militantes políticos³⁴.

“Lá foram encontradas 1.049 ossadas de indigentes, presos políticos e vítimas dos esquadrões da morte. Pelo menos seis presos políticos deveriam estar enterrados nessa vala, de acordo com os registros do cemitério: Dênis Antônio Casemiro, Dimas Casemiro, Flávio Carvalho Molina, Francisco José de Oliveira, Frederico Eduardo Mayr e Grenaldo de Jesus da Silva³⁵”

Outro espaço citado na fotografia do encarte, é o Memorial da Resistência , um museu localizado no centro de São Paulo que conta a história da repressão política brasileira no período republicano (1889 a atualidade). O espaço ocupa uma parte do antigo edifício do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo-Deops/SP, considerado uma polícias políticas mais truculentas do Brasil³⁶

A escolha da banda em fotografar cada membro posicionado em frente ao espaços citados, dialogam com uma proposta encaminhada pelas letras das músicas de não deixar a História cair no esquecimento, disputando dessa forma contra outras narrativas que pretendem relativizar os danos e sofrimentos produzidos pela ditadura militar brasileira. Ainda que a memória do golpe de 64

³² Idem

³³ Idem

³⁴ <http://memoriasdaditadura.org.br/mapas-da-ditadura/vala-de-perus/>

³⁵ Idem

³⁶ <http://memorialdaresistencia.org.br>

esteja sempre aberta a diferentes interpretações, a disputa de narrativas é também uma luta pela hegemonia política, social, econômica e cultural dos seus atores. Como nos lembra do historiador francês Marc Bloch, “*A história é a ciência que estuda os homens no tempo*”³⁷, as questões que são levantadas, problematizadas, estão cravadas no tempo presente. As interpretações, revisões, tensões e combates acerca da memória do golpe de 64, estão colocadas por diferentes atores quando no lançamento do álbum *Esquadrão da Tortura* de 2013, véspera da corrida presidencial de 2014.

O revisionismo histórico, buscava justificar as agressões, torturas e assassinatos, a uma ação reativa as investidas de intelectuais, militantes e apoiadores da esquerda nacional. No canal Ruanacxa, vimos que seu ator coloca Dilma Rouseff como responsável pelos atos de tortura que sofreu, chamada de “Terrorista”, “Assaltante de banco” e “assassina”.

“Há dez anos por volta da efeméride dos 40 anos do golpe, apareceu com peso na mídia uma interpretação que relativiza as responsabilidades históricas pelo golpe de Estado e pela ditadura, em leitura que busca fundamentalmente corresponsabilizar a esquerda, outrora parte da Resistência, encontra-se agora no “banco dos réus.”³⁸

Na letra da música *No Escape from Hell* (“Sem escapar do inferno”) a banda denuncia a participação do governo americano no golpe de 1964 com a conivência da “porra da mídia” “corrompida pelo dinheiro” que ajudou a divulgar as idéias do golpe afastando Jango do poder. Não há como “escapar desse inferno”, as “leis foram violadas” e um “Estado de Terror tomou conta do país”. Em “*PulltheTriguer*” (Puxe o gatilho), trata da instalação do “Estado de Terror” citado em *No Escape from Hell*, “onde puxar o gatilho é uma prática corriqueira”, a “morte está por todo o lado”, “a falta de democracia”, ‘a repressão no ar”, “estudantes presos”, “a desculpa da ameaça vermelha, para justificar todos os abusos”. Diferentemente do discurso revisionista, a banda, não procura justificar o horror responsabilizando aqueles que resistiram a repressão. Sujeitos que foram exterminados pelos militares são relembrados na música *Nothingto Declare*:

Anjo jones ... Villas-Boas... Maranhão Do Valle... Gonçalves Figueiredo... Nonato paz ...

³⁷ Bloch, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. Editora Zahar.1997.São Paulo.

³⁸ Melo, Demian Bezerra. *Revisão e Revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas contemporâneas*. Artigo UFF/2013.

Papandreu ... de Sá Roriz ... Frazão soares ...Vanini ... Nehring ...
Lamarca ...

Você esconde seus crimes atrás de uma cortina de silêncio/
Mas o tempo para você pagar está chegando ...

Alfaiate ... Kubitschek ... petit da silva ...Pedreira ferreira ... de Pádua
costa ...
Nascimento furtado ... Saboya vendas ...Frei tito ... Fiel Filho ...
Herzog ...

"O curso do verdadeiro amor nunca foi suave"

Documentos secretos excluídos pelo SNI
Para livrar-se dos dados sobre pessoas mortas
Apenas três em comando decidir
Que papéis "eram inúteis"

Você tornou-se assassinos
Para manter a segurança
Para estabelecer a ordem
Em nome do progresso

Escravos de conformidade
É este o seu contributo?
O sangue em suas mãos
São as lágrimas dos mortos

Você esconde seus crimes atrás de uma cortina de silêncio
Mas o tempo para você pagar está chegando ...
Você carrega o fardo de milhares de assassinatos
Escória da terra, do mesmo modo que você tem ...

Nada a declarar!
Vergonha ...
Vergonha ... em você³⁹!

Personagens como Frei Tito, Wladimir Herzog, entre outros são lembrados e ainda “que o crime seja escondido atrás de uma cortina de silêncio”, “o tempo pra você pagar está chegando”, “escória da terra”. A referência aos assassinos são fortes, e mesmo que não sejam diretas, denuncia os “que em nome da ordem e progresso tornaram-se assassinos”. Na fala de Amílcar : “*Me segurei pra contar a história..Foi difícil, muitos abusos...*, a banda procura mostrar o lado econômico valorizado por aqueles que defendem o regime de 1964, no entanto desconstrói essa idéia colocando o custo humano acima de qualquer desenvolvimento, ordem ou progresso.

³⁹ Tradução do site Letras.

A Resistência, encarnada nos assassinatos, desaparecimentos, é também destacada nas organizações que lutaram pela democracia no Brasil . Na canção NeverSurrender (“Nunca Desistir), organizações e partidos como PCB (Partido Comunista Brasileiro) , FLN (Frente de Libertação Nacional), AP (Ação Popular), entre outros são citados como aqueles “que estão procurando o melhor pro Brasil”, “Salve a democracia”. A violência não começa pela resistência. Na narrativa da banda a violência é produzida pelo regime militar, e aqueles que resistem “estão fazendo isso pelo bem da nação”.

No final do disco há uma pequena música chamada For The CountlessDead, (Para os inumeráveis mortos) que parece traduzir o sentimento da banda em relação a temática estudada:

Everystoryhastwosides
 Toda história tem dois lados
 The goodandbad
 O bom e o mal
 The truthand lies
 As verdades e as mentiras
 A supposedsecurity
 Uma suposta segurança
 Roadsteeringthroughthe country
 Estradas cortando o país
 The growthofscienceandtechnology
 Desenvolvimento de ciência e tecnologia
 Buttheprice for allthis...
 Mas o preço por tudo isso...
 Is it not too high?
 Não é alto demais?

Nos chama a atenção que esta música é a única que possui a tradução da sua letra. A importância dessa música é apontada pelo baterista Amílcar em entrevista:

“Sempre tem os dois lados, teve o lado do progresso, mas e o preço?” Deixamos essa questão pras pessoas pensarem...Pra ter um país legal não precisa de repressão”

6 Considerações Finais

As dificuldades enfrentadas pela banda Torture Squad ao longo de sua trajetória de 25 anos de existência não difere muito de outras bandas que procuram sobreviver de seu trabalho a partir do metal extremo no Brasil. A falta de recursos materiais e humanos, onde a constante troca de formações por conta das demandas familiares, profissionais, muitas vezes esbarram no trabalho repleto de ensaios, turnês e pouco dinheiro.

Reconhecemos com Certeau que o campo da cultura é aberto a possibilidades, desvios, golpes e táticas com que os fracos desferem nos fortes. Se entendermos cultura como “aquilo que fazemos, com o que nos é dado”, vamos de encontro a criação humana, aos usos que efetuamos cotidianamente com os livros, filmes, vídeos do you tube, músicas, textos compartilhados, blogs, sites, mensagens de WhattsApp, que chegam até nós em nossas trajetórias de vida. Como nos lembra E.P Thompson, essas experiências não se fazem sem contradições, tensões que são colocadas por relações de classes, que limitam e delimitam muitas vezes nossas ações.

O disco Esquadrão da Tortura nos permitiu chegar ao campo do cyberativismo e verificarmos a cultura do ódio que se instalou no Brasil, onde o diálogo entre os diferentes torna-se cada vez mais difícil, quando todos detém a posse da “verdade inquestionável”, não pode haver espaços para escutas e reflexões.

No interior da cultura headbanger, percebemos que o campo político se localiza nas questões estéticas e sonoras desenvolvidas por seus atores. Não há no discurso da banda uma identificação a partidos políticos, ou espectros ideológicos de “esquerda” ou “direita”. As resistências se localizam para a banda, no modo como vivem, nos cabelos compridos e tatuagens que carregam, nas trilhas sonoras que embalam o dia a dia e servem como repertório cultural para realização de novas trilhas, a política é exercida nas ações microscópicas desse rico cotidiano.

A banda Torture Squad nos oferece uma narrativa acerca da Ditadura Militar brasileira, que é produzida no interior das culturas headbangers que se desenvolvem no território nacional desde o final da década de 80. Foram muitos os desafios,

desde a pesquisa, as mudanças na formação da banda, desconfiança dos fãs em relação a musicalidade experimental, temática proposta , ainda assim, nesse cenário conturbado sobrou espaço para a gravação de um DVD, entrevistas em diferentes canais de exposição, como rádio, tv e internet, destacando a apresentação no Showlivre do apresentador Clemente (ex-integrante da banda Inocentes e atual baixista da Plebe Rude), gerando visibilidade e divulgação da banda.

Esquadrão da Tortura se transformou num marco do heavy metal brasileiro, não apenas por sua originalidade em apresentar a História do Golpe de 1964 no Brasil num álbum conceitual, com muitas experimentações sonoras, mas por nos apresentar uma leitura política de uma parcela da população brasileira que tem o Heavy Metal como um modo de vida. Entre estas pistas e rastros evocados por Ginzburg, podemos enxergar muitas táticas construídas por estes músicos da classe trabalhadora, que possuem uma visão muito particular acerca das diferentes possibilidades da ação política.

Referências

AVELAR, Idelber. **Figuras da Violência**. Ensaios sobre narrativa, ética e música popular. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2011

BURKE, Peter. A escola dos Annales. **A revolução Francesa da historiografia**. São Paulo. Unesp. 1990.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. São Paulo. Papyrus. 1998

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vol1. Artes de Fazer. São Paulo. Vozes. 1997

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, James Wlisses. **Heavy Metal no Brasil**. (Os incômodos perdedores (Década de 1980)). Tese de Doutorado. São Paulo. 2014